

Brasileiros, estrangeiros e samba

Browning, Barbara. *Samba: Resistance in Motion*. Indianapolis, Indiana University Press, 1995. 190p.

Guillermoprieto, Alma. *Samba*. New York, Vintage, 1991. 24p.

Hess, David. *Samba in the Night*. New York, Columbia University Press, 1994. 209p.

*Quem não gosta de samba,
Bom sujeito não é
É ruim da cabeça
Ou doente do pé.
Dorival Caymmi*

Sempre que o assunto é Brasil, uma das primeiras coisas que os estrangeiros associam com o país é o samba. O Brasil é para muitos o país daquele carnaval que mexe e balança todo mundo. Esta representação do Brasil é sem dúvida um assunto irritante para nós brasileiros, já fartos desta imagem despreocupada que circula no exterior. Porém, vários escritores estrangeiros, vindos das mais diversas disciplinas entenderam que através de uma análise da função do samba na sociedade brasileira é possível entender o ritmo de dia-a-dia da nação. O samba é uma forma musical muito flexível, que se adapta ou se incorpora a novos estilos musicais. Ele é uma dança, um ritmo e uma janela para se começar a entender a realidade brasileira. Acima de tudo, ele é uma forma de história que flui sobre o tempo e as pessoas.

Três autores estrangeiros escreveram obras relativamente recentes sobre o Brasil. As três obras têm títulos que incluem a palavra 'samba' numa maneira que faz lembrar o estereótipo mas que revela três intenções muito diferentes. Das três obras, as que mais se assemelham são as de Barbara Browning e Alma Guillermoprieto. As autoras tiveram experiências paralelas: ambas viveram durante uma temporada em favelas e decidiram construir suas narrativas atra-

vés dessa experiência pessoal e de entrevistas com personalidades da comunidade negra, em Salvador e no Rio de Janeiro. Outro fato que as aproxima é a formação e experiência profissional que as autoras têm com dança em geral. O que as separa é como elas escolhem narrar as suas respectivas histórias. Guillermoprieto tem formação jornalística; seu livro se desenrola perante o leitor como um documentário. Browning, professora de "estudos performáticos" na New York University, narra a sua história de uma maneira extremamente pessoal e poética. Como se diz em antropologia, ela tornou-se "nativa". Guillermoprieto também inclui observações, opiniões e experiências muito pessoais, mas o faz como uma reação ao mundo exterior.

Guillermoprieto, jornalista mexicana, viveu vários meses na favela da Mangueira com o objetivo de relatar o que acontece no cotidiano das pessoas envolvidas com a preparação do desfile de carnaval da escola. Suas interpretações sobre a sociedade, o carnaval, o povo, e o cotidiano num morro carioca são 'objetivas'. Ela relata acontecimentos pondo ênfase no que está vendo, não sentindo. Ela guia o leitor através de várias situações curiosas, mas mantém-se fiel à sua responsabilidade de falar do que vê sem

contaminar seu relato com envolvimento e dúvidas pessoais. Quando opina, suas opiniões são baseadas em estatísticas, pesquisa e na história em si, resultando num relato informativo, direto e bem-equilibrado. Um exemplo disso é quando fala de sua amizade com uma mulher que integra a famosa ala das baianas da Mangueira, Celina. Conta que várias vezes em que visitou Celina nas segundas-feiras, ela estava possuída por um espírito chamado de "Seu Malandrino". Em momento algum ela questiona a autenticidade da situação, simplesmente narra o que acontece cada vez que encontra Celina/Seu Malandrino, tratando o assunto com curiosidade, mas também respeito. O leitor não vai descobrir se Guillermprieto acredita realmente em Seu Malandrino ou não, mas ele vai certamente aprender algo sobre religião no morro da Mangueira. Ele vai ter o privilégio de poder ver, através dos olhos de Guillermprieto, como acontece a possessão, como é vista e aceita por outros, o que acontece numa sessão de cura feita pelo espírito e ainda pode formar uma opinião sobre o assunto sem se sentir coagido pela escritora.

Guillermprieto revela um espaço desconhecido para muitos fora e também dentro do país, apesar de ser a realidade de milhares, talvez milhões de pessoas. Enquanto ela reconstrói a história da escola de samba através das décadas, ela também evoca uma tradição antiga e muito rica, proveniente da África, que ainda sobrevive através da religião e da tradição oral em pessoas como Dona Neuma, Seu Tinguinha, Celina e Nininha Xoxoba. Num relato muito vívido, Nininha explica a forma musical conhecida como 'jongo': "...era o que minha

mãe cantava. Era tudo improvisado, e você inventava canções sobre qualquer coisa." O jongo, como se sabe, era música de escravos no Rio de Janeiro do século passado.

O que mais fascina e encanta em Guillermprieto é o respeito e a compaixão presentes na maneira pela qual ela trata o assunto. Existe o estereótipo do favelado, que é visto pela classe média e a mídia como ignorante, sujo, marginal e sem cultura. O mundo que Guillermprieto revela aos olhos do leitor é riquíssimo em tradição e história. A favela é um solo fértil. A história do próprio Rio de Janeiro é refletida através de relatos sobre como os intelectuais visitavam o morro para trocar idéias com compositores como Cartola e do desenvolvimento do Candomblé paralelo ao espiritismo e protestantismo. Na favela ainda existe algo das tradições antigas que já desapareceram no resto da sociedade e que constituem um arquivo valioso para se refazer o passado e projetar o futuro.

Guillermprieto ressalta o lado humano da favela, porém sem glorificar a vida no morro. Sua crítica social é mais realista do que romântica. Ela conta como ela própria se cansava daquela vida de pobre e precisava fugir frequentemente para comprar jornais e comer em restaurantes apenas para sentir o alívio de poder consumir se quisesse. Ela fala dos contrastes sociais e raciais da cidade, dos estereótipos criados tanto por favelados como por aqueles mais privilegiados. Porém nada é um aparte, ou inserido avulsamente; tudo é estruturado em função do objetivo da autora, que é retratar coerentemente o carnaval, em seus aspectos cultural, econômico, social, histórico e sobretudo racial.

Browning já tem outra intenção. Ela quer que o leitor não apenas veja o que ela vê, mas que ele também sinta o que ela sente. Começa o livro explicando que se sente muito 'dividida', já que viveu muito tempo entre o Brasil e os Estados Unidos. Quando começa a interpretar a importância da dança em sua vida, e relata suas impressões do Brasil num contexto multicultural, começa a ficar claro que os seus leitores estão prestes a embarcar numa jornada de descoberta, no sentido cultural e espiritual, que mudou muito a vida da própria autora. Tudo que Browning vê, ela interioriza e interpreta de uma maneira pessoal.

Na opinião de Browning, a palavra 'samba' tem um significado amplo que abrange toda a tradição africana no Brasil. É um ritmo, uma dança, um estilo musical, mas também uma forma de resistência social e espiritual. Social no sentido de ser uma forma de expressão de origem africana, da mesma forma que a capoeira e o Candomblé são. O samba tem um lado espiritual que transpõe barreiras étnicas e sociais e resulta numa espécie de energia cultural. Para a autora, a palavra não pode ser despida de seu contexto racial, insistindo que o gênero musical tem uma ligação muito íntima com o povo brasileiro. Mas ela não romantiza a famosa identidade nacional. Ela ataca o mito da democracia racial e valoriza o samba enquanto expressão afrobrasileira: "Aqueles que têm o interesse de promover o samba como uma forma puramente estética, ou seja, como a dança nacional brasileira no sentido mais inofensivo, são também aqueles que por muito tempo promoveram a ficção da democracia racial brasileira." (p. 15)

Sua discussão sobre política racial, apoiada em observações pessoais, levam a uma definição de outras contribuições à complexa formação cultural do Brasil, mais especificamente o Candomblé e a capoeira. Assim que estabelece o raio de ação do assunto, ela mergulha nas suas próprias experiências. A autora não se abstém de partilhar seu misticismo com seus leitores. Não é apenas uma bailarina e coreógrafa dando uma opinião sobre 'folclore'. Ela até descarta formas ocidentais de analisar as danças afro-brasileiras. Num momento cômico do livro, tenta mostrar como o método de ilustrar os passos das danças ocidentais, que podem ser postos num diagrama simples para serem aprendidos, não faz sentido nenhum quando aplicado às danças brasileiras. Ela acredita que para dançar as danças afrobrasileiras, as pessoas têm que encontrar um equilíbrio místico e sensual. A dança requer um envolvimento completo do corpo, da mente e da fé de cada um. Enquanto aprendia a dançar com negras e mulatas, Browning, compreendeu que samba, Candomblé e capoeira transformam raça em cultura, e a cultura, quando respeitada e vivida por dentro, liberta energias transformando aqueles que participam da dança. Mas a autora entende que ela própria, que se descreve como loira de olhos azuis, pode participar dessa cultura: "Eu não escolhia este projeto. Foi Ifá que mandou, e minha mãe [de santo] traduziu para mim a ordem de uma maneira informal, mas com autoridade incontestável." (p.36) O aspecto mais interessante da escritora é que apesar de sua intimidade com e participação na religião e na cultura que descreve, ela está sempre consciente do seu 'outro' lado, seu lado estrangeiro. Ela

nunca deixa os seus leitores não brasileiros (e muitos brasileiros) sentirem-se esquecidos ou alienados quando fala sobre seu assunto. Todo assunto que aborda, seja um jogo de capoeira, um orixá, ou até mesmo uma experiência pessoal, ela explica e justifica.

É evidente que Browning não é imparcial quando escreve sobre cultura, religião e política brasileiras. Ela tem claramente um forte compromisso com o samba, o Candomblé e a capoeira. Não tenta oferecer uma explicação plausível àqueles leitores mais céticos sobre fenômenos extraordinários que experimentou. O seu relato sobre como ladrilhos começaram a soltar do chão durante uma palestra é um exemplo disto. Ela desconfia e não aceita a explicação dada por um geólogo, que atribuiu o ocorrido a causas naturais e prefere a explicação que fascina mais e reflete o misticismo brasileiro: os ladrilhos teriam se soltado por obra de espíritos ancestrais irrequietos. Quando lê seu livro, o leitor concorda em ver através dos olhos de Browning e em suspender todo ceticismo e descrença sobre temas místicos e sobrenaturais. Afinal de contas, ela retrata um mundo onde os orixás vêm à terra através dos corpos dos seus fiéis para resolver problemas, dar conselhos, ou simplesmente se divertir. Isso para um leitor protestante americano soa como filme de vodu hollywoodiano.

No mínimo, *Samba-Resistance in Motion* é uma forma excelente de familiarizar o leitor estrangeiro com o Brasil, mais especificamente com a Bahia, por meio do exame de um lado da cultura brasileira frequentemente incompreendido lá fora. O livro deve ser interpretado como um retrato de memórias, parte história, parte crítica cultural e poesia. A autora mis-

tura tudo isso com muita capacidade para transmitir uma análise articulada do elemento africano na cultura brasileira. Se o leitor puder digerir altas doses de misticismo, digressões sobre assuntos e referências pessoais, então o livro será muito bem recebido.

O terceiro autor, David Hess, é antropólogo e escreve sobre pesquisas que o levaram a uma tese de doutorado. Seu relato difere dos outros em vários aspectos. Primeiro, ele é o único com um discurso 'científico', que mantém sempre explícito ao examinar sua matéria, embora a narrativa na primeira pessoa também esteja sempre presente. Ele também é o único dos três que se interessou e procurou examinar com mais profundidade o assunto do espiritismo, ou das religiões espíritas: Cardecismo, Umbanda, e Quimbanda. Hess faz comentários sobre e comparações com o Candomblé, embora limite seu estudo ao espiritismo. Apesar disso, ele insere observações interessantes sobre raça e religião: "...hoje em dia, as religiões [Candomblé, Umbanda e Espiritismo] são na realidade razoavelmente difundidas pelo Brasil e cada uma das três atrai pessoas de todas as classes e origens étnicas. Ainda assim, o Candomblé é normalmente associado à Bahia, Umbanda é tida como tendo origem no Rio de Janeiro e o Espiritismo tem mais força em São Paulo. As regiões do Brasil correspondem basicamente à composição étnica. Assim, de São Paulo para o sul existe um número maior de descendentes de europeus e a Bahia tem uma alta porcentagem de pessoas de descendência africana. O Rio, como a Umbanda, está geográfica e socialmente em algum lugar no meio." (p. 17) Tendo escrito este trabalho antes dos estudos de

Reginaldo Prandi sobre a africanização da Umbanda em São Paulo, Hess sem dúvida dá a impressão de desatualizado.¹ Hess é o único destes três autores que não tem uma formação ou base latina: Guillemprieto é Mexicana e Browning viveu muitos anos entre o Brasil e os Estados Unidos. A impressão que um brasileiro tem quando começa a ler sua narrativa é que ele realmente representa muitas vezes, como ele mesmo admite, o estereótipo do 'gringo': se atrapalha com o idioma, se perde nas ruas freqüentemente, comete gafes culturais, se maravilha e dispensa atenção desmesurada a coisas simples, como salgadinhos e os vários significados da palavra "sacana-gem". Dos três é ele quem tem e mantém o ponto de vista mais estrangeiro. Tudo compara à sua experiência nos Estados Unidos. Para não se sentir perdido é recomendável que o leitor de *Samba in the Night* conheça algo sobre os Estados Unidos, não necessariamente de um ponto de vista histórico, mas cultural. Apesar de sua origem acadêmica, uma tese de Ph.D., este é um livro escrito com a intenção de abranger um público maior, ou seja, não acadêmico. As análises e interpretações são simples, diretas e acessíveis. O livro é informativo, mas não entra no assunto de uma forma detalhada, que satisfaça àqueles que buscam um material sólido para pesquisa. Lembra mais um diário de viagem etnográfica. Se ele desenvolve a parte histórica e técnica do assunto, também mistura muitas opiniões pessoais, observações e incidentes que se desviam da intenção principal

do livro. O leitor fica sabendo que Hess acabou pegando sarna num sofá de um posto de saúde público, sofreu uma crise de diarreia terrível e teve um debate sobre a veracidade dos relatos de Carlos Castañeda com alunos universitários brasileiros. Talvez seja característica do novo gênero de escrever muito popular entre antropólogos "pós-modernos".² Hess diz que seu interesse maior é estudar espiritismo e as pessoas influentes na religião. No entanto suas buscas o levam para outros campos, que apesar de interligados de certa forma, não fazem parte diretamente do seu interesse principal. Ele sabe disso, mas se propõe a levar o leitor consigo nas suas viagens, experiências e pesquisas antes de mergulhar no tema de sua tese de doutorado. O resultado é de certa forma fascinante porque revela a busca mística do povo brasileiro. Hess chega a lembrar o famoso seriado Norte Americano 'Arquivos X': ele lida com um padre parapsicólogo, um radialista exorcista, estudiosos de OVNI's, profissionais que administram sessões de regressão a vidas passadas e médicos mediúnicos que fazem operações sem anestesia enquanto incorporam espíritos do Além. Ele chegou a ser acusado por estudantes universitários de ser espião da CIA recolhendo informações sobre assuntos sobrenaturais para uso militar. Só ficou faltando um relato sobre o Vale do Amanhecer, que Hess infelizmente não pôde fazer porque Tia Neiva estava viajando...

Hess baseia muito do texto em suas descobertas e processo de aprendizado no

1 Ver por exemplo, Reginaldo Prandi, *Os candomblés de São Paulo*, São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1991.

2 É o caso de um outro antropólogo que escreveu sobre o Brasil, Jim Wafer, *The Taste of Blood*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1991, sobre o Candomblé na Bahia.

Brasil. A narrativa é pessoal, mas ele sempre procura manter uma distância relativa. Deixa claro, no entanto, que tem respeito e carinho imensos pelas pessoas que chegou a conhecer, pelo povo brasileiro e sua cultura. Se ele faz um comentário que parece etnocêntrico, logo emenda com uma explicação lógica. Por exemplo, quando fica indignado com os estudantes universitários que o acusam de ser espião da CIA, ele reflete e conclui que dado o envolvimento dos Estados Unidos na política da América Latina, não era uma acusação tão inverossímil. Apesar de carregar dúvidas após ter passado por tratamento espírita, Hess não chega a ser completamente cético. Se mostra aberto às possibilidades de certas experiências, e de fato admite que certos acontecimentos são difíceis de explicar a partir de uma teoria científica. Relata a aparição misteriosa que o espírito de sua avó fez à sua tia-avó ao falecer e descreve como por um momento deixou seu profissionalismo científico de lado para acreditar, durante alguns momentos ao menos, que estava realmente na presença de espíritos enquanto observava Chico

Xavier psicografar mensagens em Uberaba.

Se o título do livro inclui a palavra "samba", não é no mesmo contexto que a palavra é usada nas obras de Guillermo-prieto e Browning. Ele não chega a falar muito em samba como fator cultural e histórico. Se "samba" está presente no título é mais como uma homenagem à uma amiga falecida que o havia presenteado com um poster com a frase 'Noite do Samba'. O poster, a amizade e a saudade do Brasil e da amiga (a quem é dedicado o livro) são fontes de inspiração para Hess.

Como diz o ditado, nada como estar de fora para ver o que se passa por dentro. Os três autores têm pontos de vista muito diferentes e por esta razão se complementam. Guillermo-prieto é objetiva, Browning é mística e Hess é curioso e informal. Para o estrangeiro, estas obras são um ponto de referência e de partida para desenvolver um interesse mais profundo sobre o Brasil. Para o brasileiro elas são reflexos no espelho do outro que revelam vários ângulos da sociedade complexa que é o nosso país.

Alison J. MacAdams
Universidade de Brandeis